

O Negacionismo: uma Crise Social da Relação com a "Verdade" na Sociedade Contemporânea

Denialism: a Social Crisis of the Relationship with "Truth" in Contemporary Society

Le Négationnisme: une Crise Sociale du Rapport à la "Vérité" dans la Société Contemporaine

BERNARD CHARLOT¹, VELEIDA ANAHI CAPUA DA SILVA CHARLOT²

¹ Universidade Paris 8, França, e Universidade Federal de Sergipe, Brasil

² Universidade Federal de Sergipe, Brasil

RESUMO. Este artigo tem como objetivo esclarecer o conceito de negacionismo e o contexto socioepistemológico em que esse fenômeno está se produzindo. A noção de pós-verdade não passa de uma primeira abordagem do negacionismo e a análise epistemológica não é suficiente para entender o fenômeno. O negacionismo pode até procurar argumentos na epistemologia contemporânea da ciência. O artigo propõe analisar o negacionismo a partir da teoria da relação com o saber de Charlot. Com base nessa teoria, o artigo interpreta o negacionismo como uma crise social da relação com a verdade. Essa crise decorre de um acúmulo de problemas ecológicos e sanitários ligados à ciência e de uma politização das questões de saúde. Algumas vezes, essa crise induz tentativas de reapropriação cidadã dessas questões, contra os "especialistas". Outras vezes, ela leva ao negacionismo, que se enraíza numa convicção que não se importa com a verdade da fala, mas com uma identidade de grupo. Desconfiando da Ciência, recusando o debate, construindo inimigos míticos, o negacionismo desvaloriza a educação e o pensamento crítico e, logo, é fundamentalmente antidemocrático. Ele é a forma epistemológica da barbárie contemporânea.

NEGACIONISMO. POS-VERDADE. RELAÇÃO COM O SABER. CRISE DA RELAÇÃO COM A VERDADE.

ABSTRACT: This article aims to clarify the concept of denialism and the socio-epistemological context in which this phenomenon is spreading. The notion of post-truth is nothing more than a first approach to denialism and epistemological analysis is not enough to understand the phenomenon. Denialism can even look for arguments in the contemporary epistemology of science. The article proposes to analyze denialism with Charlot's theory of the relationship with knowledge. Based on this theory, he interprets denialism as a social crisis of the relationship with truth. This crisis stems from an accumulation of ecological and health problems linked to science and a politicization of health issues. Sometimes, this crisis induces attempts at citizen re-appropriation of these issues, against the "experts". At other times, it leads to denialism, which is rooted in a conviction that does not care about the truth of speech, but about a group identity. Distrusting Science, refusing debate, building mythical enemies, denialism devalues education and critical thinking and, therefore, is fundamentally undemocratic. It is the epistemological form of contemporary barbarism.

DENIALISM. POST-TRUTH. RELATIONSHIP WITH KNOWLEDGE. CRISIS OF THE RELATIONSHIP WITH THE TRUTH.

RÉSUMÉ: Cet article vise à clarifier le concept de négationnisme et le contexte socio-épistémologique dans lequel ce phénomène se produit. La notion de post-vérité n'est qu'une première approche du négationnisme et l'analyse épistémologique ne suffit pas à comprendre le phénomène. Le négationnisme peut même chercher des arguments dans l'épistémologie contemporaine de la science. L'article se propose d'analyser le négationnisme à partir de la théorie du rapport au savoir de Charlot. À partir de cette théorie, l'article interprète le négationnisme comme une crise sociale du rapport à la vérité. Cette crise découle d'une accumulation de problèmes écologiques et sanitaires liés à la science et d'une politisation des questions de santé. Parfois, cette crise induit des tentatives de réappropriation citoyenne de ces questions, contre les « experts ». D'autres fois, elle conduit au négationnisme, qui s'enracine dans une conviction qui ne se soucie pas de la vérité du discours, mais d'une identité de groupe. Se défiant de la science, refusant le débat, construisant des ennemis mythiques, le négationnisme dévalorise l'éducation et la pensée critique et, par conséquent, est fondamentalement antidémocratique. C'est la forme épistémologique de la barbarie contemporaine.

NÉGATIONNISME. POST-VÉRITÉ. RAPPORT AU SAVOIR. CRISE DU RAPPORT À LA VÉRITÉ.

La lucidité est la blessure la plus rapprochée du soleil
(René Char, 1983, p. 216)¹

Introdução

Quando Donald Trump, em 20 de janeiro de 2017, dia de sua posse, declara que o céu, de repente, ficou ensolarado, enquanto chove em Washington (Revault d'Allones, 2018), é possível dizer que se trata de uma mentira política cínica, com um toque de paranoia. Aliás, ele defendeu até o fim *atos alternativos*, inclusive quando, quatro anos mais tarde, persistiu em repetir, sem provas e apesar de vários processos indeferidos por muitos tribunais, que as eleições que tinha perdido foram fraudulentas. Um docente pode ficar preocupado com a forma como seus alunos entendem esse tipo de discurso. Se a maior autoridade dos Estados Unidos pode manipular assim os fatos, qual é, aos olhos dos alunos, o valor do que se ensina na escola?

Pior ainda quando pessoas afirmam que a Terra é plana. Michael Hughes construiu foguetes para tentar chegar acima da atmosfera e bater uma fotografia da Terra como disco plano. Ele morreu em fevereiro de 2020 na queda de um foguete que tinha construído e pilotava. O que pensavam os jovens quando Mad Mike, como era conhecido e acompanhado pela mídia, sustentava suas teses na televisão americana? Pode-se confiar no professor quando ele afirma que a Terra é redonda e que ela gira em torno do Sol? O que, aliás, a experiência cotidiana parece desmentir claramente.

Como se pode ensinar a biologia quando, no Brasil, o Presidente da República promove, publicamente e com insistência, a hidroxicloroquina enquanto remédio contra a COVID-19, sem dar nenhuma consideração a várias pesquisas científicas que concluíram que essa substância não tem eficácia alguma sobre essa doença, e até pode gerar efeitos negativos em caso de uso não controlado?

Responder a essas questões requer amplas investigações de campo junto aos alunos. Neste artigo, pretendemos apenas descrever, esclarecer e tentar entender esses fenômenos sociais contemporâneos que foram denominados “pós-verdade” ou “negacionismo” pela mídia. Sustentamos a tese de que o que está em questão no negacionismo não é, fundamentalmente, “a verdade”, mas a legitimidade, no debate público, dos enunciados apresentados como sendo “verdades” por autoridades de vários tipos, incluídas autoridades científicas. Portanto, a questão não é apenas epistemológica, é, antes de tudo, aquela da relação social e identitária com o saber na sociedade contemporânea (Charlot, 2000, 2021).

¹ A lucidez é a ferida mais próxima ao sol. Tradução nossa.

Como analisar o negacionismo: será que é uma “pós-verdade”?

Uma palavra muitas vezes utilizada para designar os problemas que acabamos de evocar é: pós-verdade, traduzida do inglês *post-truth*. Essa palavra não é realmente nova: encontra-se pela primeira vez em 1992, em um artigo de Steve Tesich, na revista *The Nation*:

Chegamos a igualar a verdade com as más notícias e não queríamos mais más notícias, não importa o quão verdadeiras ou vitais para nossa saúde como nação. Esperamos que nosso governo nos proteja da verdade (...) nós, como um povo livre, decidimos livremente que queremos viver em algum mundo pós-verdade (citado em Kreitner, 2016, tradução nossa).

Em 2004, Ralph Keyes escreveu que a mentira passou a ser tão banal que ela se tornou uma pós-verdade e intitulou seu livro *The Post-Truth Era: Dishonesty And Deception In Contemporary Life* (A Era da Pós-verdade: Desonestidade e Decepção na Vida Contemporânea) (Keynes, 2004; Alves e Bolesina, n.d). No dia 6 de setembro de 2016, *The Economist* publicou um artigo intitulado *Art of the lie. Politicians have always lied. Does it matter if they leave the truth behind entirely?* (A arte da mentira. Os políticos sempre mentiram. Será que importa se eles deixam completamente a verdade para trás?), Esse artigo afirmava que Donald Trump é “o principal expoente da político pós-verdade” e citava também o governo polonês, políticos turcos e a campanha britânica para o Brexit. No mesmo ano, o Dicionário de Oxford (*Oxford Dictionaries*) escolheu *post-truth* como Palavra do ano 2016 (*Word of the year*). Definiu-a assim:

A palavra composta *pós-verdade* exemplifica uma expansão no significado do prefixo *pós*, que tem se tornado cada vez mais proeminente nos últimos anos. Em vez de simplesmente se referir ao tempo após uma situação ou evento especificado - como no *pós-guerra* ou *pós-jogo* - o prefixo na *pós-verdade* tem um significado mais como "pertencer a um tempo em que o conceito especificado se tornou sem importância ou irrelevante" (*Oxford Languages*, 2016, grifo no texto – tradução nossa).

O que significa o prefixo *pós*, em *pós-verdade*?

Nas primeiras ocorrências da expressão, ele remete a uma *relação* com a verdade: a nação não quer saber da verdade quando a notícia é ruim (Tesich, 1992), as pessoas ficam decepcionadas com ela (Keyes, 2004) ou não aguentam mais as mentiras dos políticos (*The Economist*, 2016). A definição do que é a verdade nunca está em debate, especialmente porque se trata de artigos da mídia e não de textos científicos e, na mídia, o que importa é o impacto da expressão e não a definição do conceito. O assunto não é a verdade, é a *relação* com a verdade.

A seguir, porém, observa-se uma evolução no uso da palavra. No Dicionário de Oxford, *pós-verdade* significa que o conceito “se tornou sem importância ou irrelevante”, ou seja, é o próprio conceito que está questionado. E a partir de 2017, os seguidores de Trump evocam “fatos alternativos”, isto é, fatos diferentes daqueles admitidos por uma forma de pensar inspirada pela ciência. Assim, depois de uma preocupação social e política (as más notícias, as mentiras dos políticos etc.) começam a ser levantadas questões epistemológicas sobre a verdade e os fatos. Essa evolução é tanto mais rápida que assuntos científicos se tornam temas de debates públicos: aquecimento global, clima, pandemia, vacina, hidroxiclороquina e ivermectina etc. Resultados de pesquisas científicas complexas e em andamento são mobilizados como argumentos nas brigas de opiniões e, como não pode deixar de acontecer em tal situação, esses resultados são rejeitados por uma parte da opinião. Não são negados enquanto científicos, são recusados enquanto argumentos dos inimigos na briga sociopolítica.

Sendo assim, consideramos o termo *negacionismo* mais pertinente que a palavra *pós-verdade* para denominar os fenômenos aqui evocados. *Pós-verdade* induz a ideia de que a questão central do negacionismo é a da verdade. Se fosse assim, seria necessário definir o que é a verdade, em uma longa análise epistemológica, para concluir, simplesmente, que o negacionismo é a negação da verdade. Esse não é o objetivo deste artigo, porque consideramos uma ingenuidade sociológica definir o

negacionismo como uma simples negação da verdade, uma "pós-verdade". O que nos interessa aqui é compreender o negacionismo como um fenômeno social complexo, que remete à relação com o saber na sociedade contemporânea. Portanto, o foco deste artigo não é a questão da verdade, é o próprio negacionismo.

Isso não quer dizer que uma reflexão epistemológica não seja interessante quando se trata do negacionismo, mas ela leva a uma conclusão um tanto paradoxal: se se interessassem pela epistemologia contemporânea da ciência (o que não é o caso), os negacionistas poderiam construir a partir dela argumentos a favor das suas teses.

Com efeito, apesar das diferenças entre Bachelard, Kuhn e Popper, essas correntes epistemológicas contemporâneas concordam em um ponto fundamental: a história da ciência não é um movimento linear, contínuo e indutivo revelando aos poucos uma verdade pré-inscrita no mundo (Martins e Oliveira, 2019; Melo, 2021). De modo que passou a ser intelectualmente perigoso falar de verdade, sem aspas, e é mais prudente falar da produção de enunciados científicos. Bachelard, Kuhn e Popper o dizem sob formas diferentes, mas aqui nos interessa o que eles têm em comum: os enunciados científicos são produzidos por um trabalho de construção e desconstrução, em que o erro, a anomalia, a falsificação desempenham funções essenciais.

Para Bachelard, o espírito científico constrói-se ultrapassando obstáculos epistemológicos e “se constitui como conjunto de erros retificados” (1996, p. 271).

*... é em termos de obstáculos que o problema do conhecimento científico deve ser colocado. E não se trata de considerar obstáculos externos, como a complexidade e a fugacidade dos fenômenos, nem de incriminar a fragilidade dos sentidos e do espírito humano: é no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de imperativo funcional, lentidões e conflitos. É aí que mostraremos causas de estagnação e até de regressão, detectaremos causas de inércia às quais daremos o nome de obstáculos epistemológicos (...). A retomar um passado cheio de erros, encontra-se a verdade num autêntico arrependimento intelectual. No fundo, o ato de conhecer dá-se *contra* um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização (Bachelard, 1996, pp. 13-14, grifo do autor).*

Enquanto Bachelard desenvolve uma dialética da continuidade e da descontinuidade na história das ciências, Kuhn insiste nas rupturas de paradigmas e, portanto, na descontinuidade. Mas Kuhn, como Bachelard, destaca o que poderíamos chamar, com Hegel, o trabalho do negativo na história (1992). No seu curso normal, a ciência é produzida por uma comunidade que trabalha um paradigma organizado, estruturado, isto é, um conjunto de problemas, conceitos, leis, teorias, aplicações, modelos, dispositivos experimentais (Kuhn, 2000). Às vezes, um paradigma esbarra em anomalias, entra em crise e uma controvérsia se desenvolve, opondo os seguidores do paradigma instalado e defensores de um novo paradigma, radicalmente diferente e até incompatível com o precedente. A seguir, conceitos e princípios fundamentais do antigo paradigma desmoronam e um novo paradigma vigora.

Com o falsificacionismo de Popper, a própria especificidade da atividade científica é definida pelo trabalho do negativo. Para ele, uma teoria científica nunca é *comprovada* por um acúmulo de fatos; só se pode dizer que (ainda) não foi refutada por alguma observação ou experimentação contrária (Popper, 1994). Consequentemente, se uma teoria não é falseável, não se pode dizer que é científica – o que, de acordo com Popper, é o caso do marxismo e da psicanálise.

As diferenças entre Bachelard, Kuhn e Popper não importam aqui, uma vez que não ajudariam de forma alguma a entender o negacionismo. O que merece atenção é o fato de que, na epistemologia contemporânea, o erro, a anomalia, a crise fazem parte do processo de construção/desconstrução científica. Não existe verdade científica sagrada, qualquer enunciado científico pode ser questionado e desafiado: não são apenas os negacionistas que pensam assim, essa é também a postura da epistemologia contemporânea. Essa convergência não quer dizer que essa epistemologia seja negacionista, mas ela confirma que o negacionismo não pode ser compreendido apenas a partir de uma análise epistemológica.

A epistemologia contemporânea não insiste apenas no fato de que os enunciados científicos são produzidos por um trabalho de construção e desconstrução, ela mostra também que esse trabalho

não é puramente cognitivo, por envolver representações religiosas, metafísicas, estéticas, sociais, políticas etc.

A ciência não está enclausurada em uma bolha, invulnerável aos acontecimentos ao seu redor. O conhecimento científico é obra humana, e como homens pertencentes a uma sociedade – com seus modelos culturais, políticos, históricos, econômicos etc. –, eles trazem à ciência suas concepções, crenças e anseios. Portanto, falar da natureza da Ciência aparentemente deve envolver o esclarecimento de sua indissociabilidade do mundo e da humanidade, de sua mutabilidade (Moura, 2014, pp. 36 - 37).

Neste ponto, os negacionistas estão certos: os discursos dos cientistas e demais especialistas do clima e das epidemias não são puramente técnicos e socialmente neutros. Bruno Latour dá mais um passo rumo a uma interpretação sociológica do enunciado científico, interessando-se pela vida de laboratório (Latour & Woolgar, 1997) e a ciência em ação (Latour, 2000). Para entender a ciência, sustenta ele, tem que abrir a caixa preta, ou seja, observar o que os cientistas fazem, também, fora dos seus laboratórios. Procuram financiamentos, tentam convencer as instituições da utilidade da sua pesquisa, falam com engenheiros, com editores de revistas etc. A ciência é produzida por uma ampla rede, que ultrapassa em muito um ator isolado ou uma equipe – de tal modo que Latour inclui os próprios micróbios na rede de produção científica de Pasteur (Latour, 1993; Noli, 2017). Indo até as últimas consequências, ele escreve: “*Science is not politics. It is politics by other means*” (Latour, 1993, p. 229) (A ciência não é a política. É política por outros meios).

Essa interpelação sociológica da ciência é revigorante, mas apresenta um sério problema. O físico Alan Sokal o exprimiu em um desafio radical: se Latour e seus colegas acham que as leis da Física são apenas convenções sociais, que eles pulem da janela do seu apartamento no 21º andar do seu prédio para verificar (Kofman, 2018, p. 3). A crítica é rápida demais, uma vez que Latour considera que a ciência é política (adjetivo), mas não confunde a ciência com a política (substantivo). Resta que a distinção é sutil e que a própria jornalista, que simpatiza com Latour, não pode deixar de levantar a questão do uso das suas teses pelos negacionistas.

Em vez de acusar os defensores de Trump e os negadores do clima de irracionalidade, Latour argumenta que é insustentável falar sobre fatos científicos como se seu rigor por si só fosse persuasivo (Kofman, 2018, p. 11 – tradução nossa) (...) Estaríamos em uma situação muito melhor, disse ele aos cientistas, se eles parassem de fingir que “os outros” - os negadores da mudança climática - “fossem os únicos engajados na política, enquanto vocês estão engajados ‘apenas na ciência’” (p. 12) (...) Obviamente, o risco inerente a esse abraço à política é que os negadores do clima aproveitem qualquer reconhecimento dos fatores sociais envolvidos na ciência para desacreditá-la ainda mais (p. 13).

Não se pode contornar esse problema, nem se deve tentar driblá-lo: afinal de contas, qual é a diferença entre o negacionismo e uma epistemologia contemporânea que afirma que o rigor científico não é persuasivo por si só, que a produção da ciência envolve erros, anomalias, que ela é social e até política, e que sempre tem que tentar falsear um enunciado científico? Aliás, o diálogo entre cientista e negacionista sempre é difícil, como nota Ava Kofman:

Afinal, quando os climatologistas falam sobre os fatos em um tom comedido, reconhecendo seu intervalo de confiança, os céticos reivindicam a proteção da ciência para si mesmos, declarando que os fatos ainda não são certos o suficiente e que sua pretensão própria ciência também deve ser considerada. Porém, quando cientistas climáticos proeminentes apresentam seus fatos com convicção apaixonada, os céticos do clima os acusam de preconceito político (Kofman, 2018, pp. 13-14 – tradução nossa).

Não estamos afirmando que a epistemologia contemporânea ou que Bruno Latour são negacionistas, mas não resta dúvida que seus argumentos podem ser utilizados pelos negacionistas e, portanto, deve-se definir claramente qual é a diferença entre ambos. Para isso, sustentamos que se deve sair da reflexão epistemológica e analisar o assunto a partir da teoria da relação com o saber.

Analisar o negacionismo a partir da teoria da relação com o saber

Não há saber sem relação com o saber. Sempre, a relação com o saber é também relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Qualquer relação com o saber apresenta três dimensões: epistêmica, identitária e social (Charlot, 2000, 2021). Esses são os três enunciados que possibilitam entender a diferença entre a postura da epistemologia contemporânea e a do negacionismo e, a seguir, melhor compreender o que é o negacionismo.

"Não há saber sem relação com o saber" (Charlot, 2000, p. 60). O autor insiste: "Não há saber que não esteja inscrito em relações de saber (...) Não há saber sem uma relação do sujeito com o saber" (p. 63). "Ou, ainda: se a questão da relação com o saber é tão importante, é porque o saber é relação" (p. 62). Este é o enunciado central de uma teoria da relação com o saber: o próprio saber é relação. Para entender mesmo essa afirmação, cabe voltar à versão original do livro, em francês: "*Il n'est pas de savoir sans rapport au savoir*" (Charlot, 1997, p. 68). A palavra portuguesa *relação* traduz, infelizmente, duas palavras francesas significativamente diferentes: *relation* e *rapport* (Cavalcanti, 2015). Uma *relation* existe entre dois objetos independentes um do outro; por exemplo, cria-se uma *relation* de amizade entre duas pessoas que se encontram. Enquanto um *rapport* é estruturalmente constitutivo do objeto e o define. Assim, existe um *rapport* entre o numerador e o denominador, que constitui a fração: é absurda a ideia de um numerador existindo sem denominador. De mesmo modo, a sociedade é estruturada por *rapports* sociais, que a definem – e, nela, dois indivíduos podem entrar em *relations* de amizade. A teoria da relação com o saber é uma teoria do *rapport* com o saber². Ou seja: não há, por um lado, uma pessoa e, por outro, um saber, que, a seguir, entram em relação. A relação (*rapport*) com o saber é constitutiva do próprio saber – e da própria pessoa nesta determinada relação. Só se apropria um saber quem entra na relação que ele supõe e requer. Logo, entender um enunciado científico, enquanto científico, exige que se entre na relação com o saber que define a ciência. Avançamos como hipótese, a ser verificada a seguir, que o negacionismo ignora ou recusa essa relação específica com o saber que supõe a ciência.

Essa relação é também, como qualquer relação com o saber, uma relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Para aprofundar essa ideia, seria necessário expor as bases antropológicas da teoria da relação com o saber (Charlot, 2000, 2020, 2021). A educação é um triplo processo de humanização, socialização e singularização. Cada novo ser humano chega em um mundo que foi construído por múltiplas mediações técnicas, simbólicas, estéticas, sociais etc., inventadas pelas gerações anteriores, e ele deve apropriar-se dessas mediações, ou, pelo menos, de algumas delas, para ingressar nesse mundo. Existem várias figuras do aprender, já que para apropriar-se do mundo, pode-se e deve-se aprender gestos, usos, sentimentos, formas intersubjetivas e subjetivas e essas formas enunciativas do aprender às quais Charlot reserva a palavra "saber" (Charlot, 2000, 2021). Logo, adotar a relação com o saber que possibilita a ciência requer entrar em certas formas de relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

Pode-se entender essa ideia, também, a partir da filosofia de Markus Gabriel (2016). "O UNIVERSO designa o objeto das ciências naturais, que pode ser explorado pelo meio de experimentos. Mas o mundo é consideravelmente maior do que o universo.

Fazem parte do mundo também estados, sonhos, possibilidades não realizadas, obras de arte e, sobretudo, nossos pensamentos sobre o mundo" (Gabriel, 2016, p. 15 – maiúsculas no texto). Há uma multiplicidade de mundos, "muitos mundos pequenos, mas não um único mundo, ao qual todos pertencessem" (p. 16). "O universo é apenas o campo de objetos das ciências naturais, principalmente da física" (pp. 30-31), "é apenas uma província entre outras, uma PROVÍNCIA ONTOLÓGICA do todo" e "existem além do universo muitos outros campos de objetos" (p. 33 - maiúsculas no texto). Charlot iria dizer: existem outras formas de se relacionar com o mundo que não a relação científica.

Que o leitor nos permita evocar aqui situações não acadêmicas que evidenciam de forma simples a diferença entre uma relação pragmática com o mundo e uma relação científica. O sol "nasce atrás do mar e se põe perto da igreja": na percepção e na vida cotidiana, esse enunciado é verificado e ele é mais útil que um complexo cálculo astronômico para saber que horas são. Da mesma forma,

² Cavalcanti (2015) considera que o uso da preposição "com" mantém uma ideia de exterioridade e propõe traduzir *rapport au savoir* por "relação ao saber" – transgredindo o português instituído.

quando se diz a seu filho "coloca uma blusa para esquentar teu corpo", o enunciado é cientificamente falso: a blusa não esquenta nada, ela retém o calor produzido pelo próprio corpo, de acordo com as leis da termodinâmica. Contudo, é mais pertinente dizer ao filho de colocar uma blusa para esquentar seu corpo do que lhe pedir respeitar as leis sobre a entropia em um sistema.

Concluindo: há outras formas de se relacionar com o mundo e, portanto, com o saber, que não aquelas que sustentam os enunciados científicos. Avançamos a hipótese de que o negacionismo remete a formas particulares de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmo, que induzem as suas relações com os enunciados científicos.

Do fato de que a relação com o saber é sempre relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo, decorre que ela sempre apresenta três dimensões: epistêmica, social e identitária (Charlot, 2000, 2021):

Aprender é sempre aprender algo e, para aprendê-lo, é preciso entrar na relação epistêmica que o permite - e que não é a mesma para aprender a nadar, a mentir, a poesia ou a matemática. Mas aprender é sempre mais do que adquirir um gesto, um comportamento, um saber, é entrar num mundo partilhado com outros, numa situação sócio-histórica particular onde se ocupa um determinado lugar e, pela sua história, construir-se nesse mundo como um exemplar singular de ser humano. Portanto, sempre essa relação epistêmica é também uma relação social e identitária. Aprender é aprender sob uma forma particular, em uma relação *epistêmica* (é fazer o quê?). Aprender é compartilhar o mundo com outros, em uma relação *social* (é compartilhar o mundo com quem, em quais posições recíprocas?). Aprender é construir-se, querer-se, proteger-se e inventar-se, em uma relação *identitária* (é construir quem?). Portanto, a relação com o aprender - e a relação com o saber, forma particular do aprender - é sempre, ao mesmo tempo, epistêmica, social e identitária (Charlot, 2021, p. 16).

A epistemologia contemporânea insistiu bastante sobre a dimensão social da ciência. Evidenciou também a sua dimensão identitária: fazer ciência é igualmente poder se considerar como um(a) cientista. E, às vezes, sonhar, mais ou menos conscientemente, em deixar seu nome na história. Priestley, o grande quimista que foi o primeiro a isolar um gás que, mais tarde, seria chamado de oxigênio, recusou até sua morte de reconhecê-lo como um gás independente, porque isso iria contradizer a teoria do flogístico, em que ele se tinha ilustrado (Kuhn, 2000).

Cabe, contudo, insistir no fato de que a relação com o saber apresenta também uma dimensão epistêmica.

Estamos vivendo uma situação um tanto paradoxal, em que, às vezes, os epistemólogos da ciência parecem ter esquecido completamente a especificidade da atividade científica ou desprezá-la! O cientista não passa seu tempo todo correndo atrás de dinheiro, de equipamento técnico ou de publicações em revista, ele tem igualmente uma atividade de pesquisador. Que a ciência tenha uma dimensão social e pessoal não anula o fato de que ela é também uma atividade epistêmica específica. O artista corre também atrás de cachê, equipamento e artigos em revistas, mas sua atividade é diferente da do cientista. E uma comunidade científica não é apenas um grupo onde se luta por orçamento, fama e poder, é uma comunidade que troca conhecimentos, que tem regras de validação dos enunciados que, apesar de não serem Mandamentos acima de qualquer suspeita sociológica, não deixam de ter fundamentos teóricos e metodológicos. Também, não se deve esquecer que, depois de manter uma rede relacional para publicar em revistas, o cientista e a equipe em que participa não publicam qualquer tipo de texto. Com certeza, os resultados publicados não são o produto de uma atividade linear, puramente científica e socialmente neutra, mas os artigos que os apresentam devem adotar uma forma de racionalidade própria, dedutiva e/ou indutiva. A vida de laboratório consiste também em publicar artigos científicos que respeitam normas específicas.

Aliás, essa especificidade epistêmica da atividade científica, que requer uma relação particular com o mundo e com o saber, é suposta pelas próprias análises da epistemologia contemporânea sobre o trabalho do negativo na história da ciência. Como ela supera obstáculos epistemológicos? O que é uma anomalia que provoca uma crise do paradigma e como se sai dessa crise? Como se faz para falsear uma teoria? Bastava que Pasteur obtivesse a confiança dos fazendeiros para produzir uma vacina contra a raiva? Queremos lembrar aqui, com insistência, que os cientistas têm, *também*, uma atividade de confronto permanente das teorias vigentes com observações e experimentações e que

uma comunidade científica regula esse confronto, da formação à diplomação e às publicações. Pode-se levantar todas as dúvidas que se quiser sobre as noções de "verdade", de "fato", de "comunidade científica", aquele que se envolve mesmo no trabalho científico sabe que se trata de uma atividade específica, inconfundível com o charlatanismo ou o negacionismo.

Qual a diferença entre ciência e negacionismo, além do trabalho do negativo e da implicação social? São duas relações fundamentalmente diferentes com o saber, com o mundo, com os outros e consigo mesmo, duas relações epistêmicas com o saber radicalmente diferentes. Vamos testar essas hipóteses com a descrição e análise de dois exemplos de negacionismo.

Análise de dois exemplos de negacionismo

A negação da existência das câmaras de gás nazistas durante a segunda guerra mundial originou o próprio termo de *negacionismo*. Trata-se de uma tradução da palavra francesa *négaționnisme*, utilizada em 1987 por Henry Rousso no seu livro *Le Syndrome de Vichy* (A síndrome de Vichy). Inicialmente, a palavra remete aos discursos que negam a existência das câmaras de gás e, mais amplamente, a tentativa nazista de exterminar os judeus. Em 1987, essa negação não era nova na França (Carvalho, 2020). Já em 1946, o fascista Maurice Bardèche criticou o Tribunal de Nuremberg e negou o genocídio dos judeus. Na década de 60, Paul Rassinier, que não era fascista, uma vez que foi um resistente internado no campo de Buchenwald, afirmou, em discursos antissemitas, que as câmaras de gás eram uma mentira sionista. Seu seguidor, o professor universitário Robert Faurisson, negou também as câmaras de gás em um artigo de 29 de dezembro de 1978 do jornal *Le Monde*: "*Le problème des chambres à gaz, ou la rumeur d'Auschwitz?*" (O problema das câmaras de gás, ou o boato de Auschwitz). A França votou uma lei contra o negacionismo, a lei Gayssot, e, em 1990, Faurisson foi condenado por incitação ao ódio racial e contestação de crimes contra a humanidade. Mas vários dos seus livros já tinham sido traduzidos na década de 80 e esses discursos que Rousso, logo, chamaria de negacionistas, expandiram-se em vários países – incluído o Brasil (Carvalho, 2020, Moraes, 2011). Por generalização, a palavra negacionista passou a remeter a outros genocídios (na Armênia, no Ruanda etc.) e a designar a negação de crimes contra a humanidade em discursos racistas ou políticos, apesar das provas sólidas avançadas pelos pesquisadores. Mais um passo na generalização e se chega ao sentido amplo atual: a negação, muitas vezes por motivos políticos, de fatos considerados pelas instituições científicas como comprovados.

Provas da existência das câmaras de gás não faltam: fotografias dos campos e testemunhos de sobreviventes, de guardas dos campos e até dos próprios SS, que vigiavam e faziam funcionar esses campos. Mas os que negam essas provas alegam que os documentos e as fotografias foram falsificados, que as testemunhas não são confiáveis ou que elas foram torturadas e eles avançam fatos alternativos. Assim, já percebemos duas características fundamentais do negacionismo.

O negacionista recusa documentos, testemunhos, em outros casos observações ou resultados de experimentações, controlados por uma comunidade científica e atestando fatos inegáveis. Sabemos que sempre se pode abrir uma discussão epistemológica sobre a definição do que é um fato científico. Mas afirmamos, também, que quando múltiplas provas atestam que um evento aconteceu ou que um objeto ou um dispositivo existiu, deve-se considerar esse evento ou esse objeto como fatos. Sim, o Brasil teve um imperador chamado de Dom Pedro II; sim, os homens inventaram máquinas que voam; são fatos. Tampouco há qualquer dúvida de que as câmaras de gás nazistas existiram; trata-se, também, de um fato, certificado por uma comunidade científica. Pode-se discutir sobre a interpretação desse fato, mas o próprio fato foi estabelecido, além de qualquer incerteza epistemológica. Com uma condição, porém: a honestidade de quem estabeleceu as provas. Aqui surge o problema: qualquer prova que não leva à conclusão já decidida pelo negacionista será a priori suspeita aos seus olhos. Um discurso preocupado pela verdade procura observações, experimentações, documentos, testemunhos etc. para chegar a uma conclusão. O negacionista faz o contrário, ele parte da conclusão à qual quer chegar, inspirada por motivos ideológicos, políticos e, neste caso, racistas, e seleciona as provas aceitáveis a partir da conclusão: para ele, as câmaras de gás são uma mentira inventada pelos sionistas para justificar a criação do estado de Israel e só tem legitimidade argumentativa o que leva a essa conclusão. Há sempre uma dimensão conspiracionista

no discurso negacionista, necessária para descartar todos os argumentos, empíricos ou racionais, que desmentem a sua tese (Bertho, 2020).

No entanto, o negacionista não abraça uma posição pós-verdade, ele avança alguns argumentos empíricos, atestados ou “alternativos”, a favor das suas teses e até sustenta que ele é quem diz a verdade (Dunker, 2017, Seixas, 2019).

Alguns consideram que o discurso da pós-verdade corresponde a uma suspensão completa de referência a fatos e verificações objetivas, substituídas por opiniões tornadas verossímeis apenas à base de repetições, sem confirmação de fontes. Penso que o fenômeno é mais complexo que isso, pois ele envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira (Dunker, 2017, p. 38).

O negacionista silencia as observações e os acontecimentos que não apoiam o que ele defende, mas apresenta outros, às vezes exatos, muitas vezes imprecisos, mal definidos, reinterpretados, inventados, que supostamente comprovam o que ele pretende.

Também, ele desloca o foco da discussão, atacando, com um argumento aparentemente forte, um ponto secundário da argumentação científica. Assim, os negacionistas alegaram que a câmara de gás de Auschwitz era uma sala pequena demais para asfixiar tanta gente – e continuaram divulgando esse argumento apesar da resposta clara dos historiadores: o campo de Auschwitz era composto por três subcampos e, se Auschwitz I era efetivamente pequeno, a exterminação massiva em câmaras de gás aconteceu em Auschwitz II (Birkenau), que era um grande campo.

A análise mostra, portanto, que o negacionismo não é uma simples recusa da verdade, uma posição pós-verdade no sentido estrito da palavra: o negacionista considera que há uma verdade, a sua, e até pretende que ele é quem está preocupado pela verdade, enquanto os seus inimigos mentem, conspiram, com a cumplicidade dos cientistas. Aliás, aqueles que negam a existência das câmaras de gás recusam ser chamados de negacionistas e apresentam-se como revisionistas, isto é, como historiadores que recusam uma verdade oficial suspeita. Sempre os negacionistas alegam fatos como argumentos decisivos, mas são pequenos fatos, secundários, duvidosos, e quando são invalidados, os negacionistas não mudam a sua posição, simplesmente deixam de falar desse assunto. Fundamentalmente, os negacionistas não aceitam levar em consideração o conjunto das observações, experimentações etc. conhecidas e rejeitam o princípio de verificar, ou falsear (no sentido de Popper) tudo que é invocado no debate como sendo um fato. Por isso é que eles prosperam na confusão e sempre a alimentam, de tal modo que fica muito difícil dialogar com eles. Enquanto o trabalho científico confronta constantemente explicações, conceitos, enunciados, teorias, com observações, experimentações, eventos etc., o negacionista já tem a resposta, cuja origem é outra. Diferente é a relação com o saber - a relação epistêmica e, também, a relação identitária e social.

Outro exemplo de negacionismo, desta vez o mais recente, merece análise: o do movimento antivacinação³. Cientificamente, não há dúvida quanto à eficácia das vacinas, que permitiram erradicar doenças como a varíola e diminuir drasticamente a disseminação da tuberculose, do sarampo, da poliomielite, da gripe etc. Contudo, essa eficácia não é garantida em 100% e, ademais, sabe-se que as vacinas podem gerar efeitos perigosos em alguns casos, muito raros, mas, às vezes, letais. Estatística e cientificamente falando e em termos de saúde pública, a relação entre benefícios e riscos é tal que não tem como hesitar: deve-se vacinar a população. Desse ponto de vista, o movimento antivacina pode ser considerado negacionista: ele valoriza demasiadamente acontecimentos raros, silenciando os múltiplos e extensos sucessos das vacinas. Contudo, o ponto de vista estatístico e científico não é a única abordagem possível desse assunto. Uma pesquisa de Bertheau et al. (2016) mostra que o movimento antivacinação não pode ser entendido por uma simples discussão epistemológica sobre "a verdade".

Esse movimento alega alguns fatos comprovados, susceptíveis de dar origem a uma desconfiança legítima. Alguns dizem respeito a vários incidentes médicos, às vezes letais, que já aconteceram e foram insistentemente divulgados pela mídia: transfusão de sangue contaminado,

³ Seria interessante, também, analisar o negacionismo dos céticos do clima. Mas não queremos alongar demais este artigo.

tromboses depois de ser vacinado pela vacina AstraZeneca etc. São também mobilizados nos debates a falta de transparência e os altos interesses econômicos dos laboratórios farmacêuticos, bem como seus vínculos com certos meios médicos. Resumidamente, os antivacinas avançam motivos para desconfiar da medicina. Ademais, essa desconfiança é uma posição filosófica de princípio daqueles que defendem "a natureza", o reforço da imunidade natural e as medicinas alternativas, contra um excesso de medicalização incentivado pelas empresas farmacêuticas.

Os fatos evocados são admitidos pela comunidade científica, trate-se de incidentes graves, do comportamento de certos laboratórios ou das relações às vezes duvidosas entre eles e alguns médicos. Os discursos dos antivacinas, porém, apresentam uma característica fundamental do negacionismo que já destacamos: entre múltiplos fatos e argumentos, eles escolhem alguns, que não são estatisticamente os mais significativos, e silenciam os demais, muitas vezes decisivos, mas que não apoiam a posição deles. Vacinas salvaram milhões devidas, desde décadas, e sua concepção e sua fabricação são muito controladas. Que possam acontecer incidentes e deslizes, é certo, mas o elevador também pode desabar repentinamente e isso não impede ninguém de usá-lo.

De fato, a desconfiança para com as vacinas não é a consequência de um debate racional mobilizando os vários argumentos disponíveis, é, sim, um componente de uma desconfiança mais geral para com os especialistas, os políticos, os acadêmicos, os jornalistas e todos os que, de uma forma ou outra, são suspeitos de se achar superiores aos demais. Levantar dúvidas sobre as vacinas não é automaticamente ser negacionista, pode ser uma tentativa de reapropriação cidadã das questões de saúde por aqueles que não aceitam ser considerados incompetentes ou ilegítimos nesses assuntos e descartados (Bertheau et al., 2016). Aliás, a própria ética medical estabelece o princípio do consentimento do paciente e seu direito de recusar o tratamento. Assim entendido, esse comportamento não é negacionista quando se desenvolve numa perspectiva de diálogo, de debate, de procura de todos os argumentos, incluídos os que dizem respeito às condições sociais e às histórias singulares e não apenas (mas também) aos conhecimentos científicos. Mas o que pode ser, às vezes, dúvida legítima passa a ser negacionismo quando o comportamento se origina na simples desconfiança para com a palavra oficial, se recusa a levar em consideração novas informações, se fossiliza, suspeita que aqueles que discordam estão conspirando contra a verdade por motivos vergonhosos. Sempre o negacionista foge, escapa, suspeita de seu interlocutor; neste sentido, ele é fundamentalmente antidemocrático, uma vez que a democracia pressupõe, como condição de possibilidade, a aceitação do diálogo contraditório. Não se trata, basicamente, de acesso ao conhecimento; há até médicos entre os antivacinas. Trata-se, antes de tudo, de relação com o saber e, mais amplamente, com o mundo, com os outros e consigo mesmo. O mundo do negacionista é um lugar hostil, onde se deve constantemente desconfiar daqueles que falam bonito porque, muitas vezes, eles mentem, conspiram, querem submeter os demais aos seus interesses. Neste mundo, deve-se encontrar aliados e se proteger contra as palavras de todos esses especialistas que pretendem "saber".

Uma crise da relação com a verdade

A recusa das explicações científicas não é nova. Tampouco é novo o fato de que ela se baseie em convicções religiosas ou políticas. Não se trata apenas de tempos antigos, há exemplos recentes. Em 1925, no Tennessee, a lei Butler proibiu um ensino sobre a origem do homem diferente do que diz a Bíblia e, no mesmo ano, em Dayton, o que foi rotulado pelo povo como *Monkey Trial* (Julgamento do macaco) condenou John Scopes a pagar uma multa por ter ensinado o evolucionismo. Ainda em 1967, o jovem docente Gary Scott foi demitido por ter desrespeitado essa lei - que acabou revogada no mesmo ano. Outro caso histórico merece destaque por encontrar sua origem no outro polo do espectro político: o caso Lysenko. Trofim Lysenko, um biólogo e agrônomo ucraniano, sustentava a teoria da transmissão de caracteres adquiridos, contra a genética mendeliana, que comprovou que a transmissão é hereditária. O lisenkoísmo agradava Stalin, por deixar esperar a solução dos problemas de fome na jovem URSS e porque a ideia de transmissão hereditária não pode ser simpática a quem ambiciona mudar o mundo. Stalin nomeou Lysenko Diretor do Instituto de

Genética da Academia de Ciências da URSS e os cientistas opostos ao lisenkoísmo foram demitidos e até presos.

Nesses casos famosos, uma autoridade forte usa sua força institucional para impedir a divulgação da palavra da comunidade científica e promulgar sua própria versão. Tal confronto direto entre uma autoridade e a Ciência ainda acontece atualmente, por exemplo quando Donald Trump ou Jair Bolsonaro promovem a hidroxicloroquina enquanto remédio contra a COVID-19, apesar de todos os desmentidos pela comunidade científica. Entretanto, hoje, há uma situação nova: o negacionismo não é apenas um conflito entre uma autoridade institucional e a comunidade científica, é um fenômeno social mais amplo, que se desenvolve em um momento em que há uma crise da relação com a verdade.

A ideia de crise da relação com a verdade é mais pertinente e mais esclarecedora que aquela de pós-verdade, que já analisamos. Como já explicamos, a palavra pós-verdade acarreta a ideia de que o negacionismo vem depois da verdade, o que leva a um debate epistemológico sobre o que é a verdade. Neste artigo, negamos que o negacionismo seja uma crise *da verdade* e sustentamos que é uma crise *da relação com a verdade*. Todas as sociedades admitem certos enunciados como sendo verdades. Podem ser enunciados religiosos, filosóficos, científicos, o que nos importa aqui não é saber se são mesmo verdades, o que nos interessa é que são admitidos como tais. São aceitos assim, porque são avançados e sustentados por instituições cuja legitimidade enquanto fontes de verdade é socialmente reconhecida. Há uma crise da relação com a verdade quando não existe mais alguma instituição socialmente reconhecida como fonte legítima de verdade. É a situação atual, que origina e alimenta o negacionismo. Na civilização ocidental, por séculos, a autoridade religiosa (Igreja católica, ortodoxa, comunidades protestantes...) foi a instância que dizia "a verdade", isto é, o que se devia considerar como sendo a verdade. Com o Iluminismo e, sobretudo, no século XIX e ainda mais no século XX, a "Ciência" (instância mal-definida) foi julgada fonte de verdade – enquanto a mídia tentava ser considerada, também, como fonte legítima de verdades. Hoje, ambas perderam esse reconhecimento evidente: há uma crise social da relação com a verdade.

Uma crise não é um evento que se produz de repente, em uma situação que, antes, era normal. Todas as sociedades são atravessadas por várias tensões e contradições, que as instituições conseguem gerir, mais ou menos bem. Quando essas contradições se intensificam e a sociedade não consegue mais gerenciá-las, ocorre uma crise - que se resolve por soluções negociadas (no âmbito do sistema), ditadura (silenciando alguns protagonistas das contradições) ou revolução (mudando as bases do sistema, e, portanto, a estrutura de contradições) (Charlot, 1987).

As sociedades contemporâneas estão passando por uma crise da relação com a verdade. É complexa, mas podemos resumi-la dizendo que é uma crise de confiança generalizada. Não se confia mais nos políticos, na mídia, no Parlamento, na Justiça, na Polícia e numa grande parte das instituições públicas. Ao mesmo tempo, as fortes contradições geradas ou atizadas pelo neoliberalismo, bem como o recuo do Estado, que já não administra contradições de que antes se encarregava, induzem um aumento dos extremismos, em um ambiente de intolerância e até de ódio, amplificado pelas redes sociais. A desconfiança atinge os próprios cientistas, isto é, aqueles que, desde dois séculos, eram considerados como o último recurso contra as supostas mentiras dos políticos, dos jornalistas e das instituições. E quando a própria Ciência perde sua credibilidade, não há mais árbitro nos conflitos causados pelas contradições sociais. Há uma crise social da relação com a verdade.

Mas por que os cientistas e a própria Ciência perderam essa função de arbitragem que tinham ganhado no século XIX e, hoje, estão envolvidos na crise?

Pode-se avançar a hipótese de que o acúmulo de problemas ecológicos e sanitários seja uma das respostas. Amparada pelo Iluminismo e o positivismo, pela modernidade e a democracia, a Ciência prometeu o Progresso. Ela entregou eletricidade, meios de transporte rápido, remédios muito eficazes, cirurgias cardíacas e stents, televisão, Internet, smartphones, satélites artificiais da Terra etc. Mas, também, ela gerou várias ameaças: energia nuclear, aquecimento global e crise climática, organismos geneticamente modificados, fertilizantes químicos perigosos, agrotóxicos provocando um declínio das abelhas, falecimentos provocados por remédios ou vacinas etc. – e permanece a dúvida de que, talvez, o SARS-COV-2, responsável da COVID-19, tivesse escapado de um laboratório em Wuhan, na China. Esses produtos do progresso científico não são os únicos temas do negacionismo, há outros, como o holocausto ou o golpe militar no Brasil em 1964. Mas convém

observar que, sempre, no âmago do negacionismo, encontram-se temas relacionados com a vida, a morte, o futuro do planeta, a extinção de espécies, incluindo a espécie humana. São temas com forte implicação emocional pessoal, política e religiosa e, muitas vezes, estão ligados a um progresso técnico e científico que engendrou, também, uma ameaça à vida e ao futuro da humanidade.

A Ciência ficou envolvida em uma crise social mas ampla porque, também, aconteceu uma politização dos problemas de saúde, a ponto de a hidroxicloroquina passar a ser sinal de direita e a vacina de esquerda. Novamente, isso não é inteiramente novo. Em novembro de 1904, aconteceu no Rio de Janeiro uma Revolta da vacina, por causa da vacinação obrigatória contra a varíola imposta pelo prefeito com base nos conselhos do seu Diretor da Saúde, Oswaldo Cruz. A novidade, entretanto, é que, hoje, o cientista, ou uma pessoa percebida como tal, se tornou um personagem público, expondo em uma mídia com amplíssima alcance as conclusões da "Ciência" e da "Medicina" - conclusões que, aliás, podem variar de acordo com os especialistas consultados. Essa fala pública da "Ciência", exposta com grande visibilidade na mídia, provoca, logicamente, reações que, elas também, são fortes. O público não tem formação para julgar a pertinência científica desses discursos. Os políticos usam esses diagnósticos e previsões de especialistas para legitimar comportamentos impostos à população em nome da "Ciência" - a não ser que, discretamente e sem qualquer justificativa, decidam ignorar o que os cientistas estão dizendo. Nessas condições, a palavra científica é utilizada enquanto argumento igual a qualquer outro, em uma situação socialmente conflituosa e, às vezes, como é o caso hoje, altamente emocional porque se trata da vida e da morte de si mesmo, de membros da sua família, dos amigos ou de desemprego, fome e miséria. Assim, a palavra da Ciência é arrastada para uma crise maior e a crise da relação com a verdade torna-se parte de uma crise generalizada de confiança.

Em tal situação, ocorrem reações diversas, complexas, às vezes híbridas, que podem ser esclarecidas descrevendo dois polos: a resistência cidadã e o negacionismo.

Quem resiste enquanto cidadão não nega, silencia ou rejeita os saberes científicos e médicos, mas recusa "uma submissão social livremente consentida porque cientificamente inevitável" (Gari, 2021, sem paginação). Ele não aceita sem exame a palavra dos "especialistas", nem considera que a fala da Ciência seja a única legítima quando se trata de decisões que afetam significativamente a existência pessoal ou a vida econômica, social e política do país. Essa não é uma posição negacionista, uma vez que ela não nega a Ciência, mas recusa o seu uso como argumento político e apela para um debate público, aberto, democrático, escutando a Ciência, mas também outras formas de se relacionar com o mundo.

Contudo, sempre existe um risco de resvalar da resistência para o negacionismo. A resistência aos poderosos, à mídia, aos especialistas etc. pode escorregar para o conspiracionismo e uma posição de "nós contra todos os outros", que leva ao negacionismo.

O negacionismo é uma forma de relação com o saber, portanto, também, um modo de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmo (Charlot, 2000, 2021; Trevisan, 2020). Essa relação pode ser definida como uma ditadura da convicção (Seixas, 2019, Lima, 2021). A convicção própria passa a ser "o critério de validade para um argumento" (Seixas, 2019, p. 133). Enquanto o cidadão que resiste à palavra oficial não para de levantar dúvidas, o negacionista já sabe a verdade e renunciar a ela seria "renunciar a si mesmo, à sua identidade, às suas formas de vida e existência no mundo" (Seixas, 2019, p. 137).

Por assim dizer, haveria certo desinteresse dos sujeitos em estabelecer um movimento heurístico de verificação dos fatos e das verdades, porquanto mais vale a manutenção das convicções e das identidades do que um *verificacionismo* a todo custo. Não há, logo, preocupação em checar os fundamentos de uma verdade, já que há sempre uma leitura pré-programada dos sujeitos, enviesada, por certo, dos eventos sociais (Seixas, 2019, p. 125, grifo do autor).

Essas convicções tiram sua força de processos de identificação que, ao mesmo tempo, elas ajudam a nutrir e fortalecer. O que vale no discurso não é mais seu conteúdo, susceptível de ser verdadeiro ou falso, é quem fala a quem, em qual grupo, com quais efeitos. Portanto, o negacionista não se importa com a veracidade do que é dito, ele avalia os discursos com base nos seus efeitos e na identidade de quem fala e de quem o escuta. A fonte de legitimidade dos discursos é a identidade do

grupo e o objetivo fundamental da fala é reafirmar essa identidade. O negacionista não tenta convencer os adversários, nem sequer fala com eles, só se endereça a quem já compartilha suas convicções.

Essa identidade de grupo é mal definida, ela não repousa em uma adesão inicial a um conjunto de argumentos, a um sistema político, nem sequer remete a uma comunidade de interesses. Trata-se de uma identidade emocional, não racional, nem sociopolítica, que é o efeito do discurso negacionista tanto quanto sua fonte. Portanto, ela sempre deve ser alimentada, confirmada. As redes sociais são um potente instrumento de construção e de sustentação dessas identidades negacionistas: elas possibilitam o acesso a grupos que defendem as mesmas teses e a *links* de sites em que todos concordam. Esses sites fornecem interlocutores ao negacionista e "comprovam" que tem muita gente que pensa como ele, a chamada maioria silenciosa, em verdade quase todo mundo fora de... (e aqui vem o nome dos inimigos).

Às vezes, mas nem sempre, essa identidade negacionista constrói-se por adesão e referência a um líder carismático. Esse líder não vale por suas qualidades intelectuais e por sua cultura, já que não são ideias que estão em jogo; às vezes, pelo contrário, uma clara limitação intelectual constitui uma vantagem para se tornar líder negacionista: é a prova de que ele é "um de nós" e não um desses cientistas, especialistas e intelectuais de quem o negacionista tanto desconfia. O líder não tem uma função de verdade, mas uma função de MITO, isto é, de referência identitária.

O outro processo de construção da identidade negacionista, fundamental, é a identificação e invenção de um inimigo. O negacionista não tem adversários, já que não se investe em uma controvérsia, ele tem inimigos, já que ele vive um combate, que, ademais, trata de questões como a vida e a morte. Ele repete, de forma quase obsessiva, o nome desse inimigo. Na outrora, foi a bruxa ou o judeu; hoje, o inimigo chama-se, segundo os lugares e as formas de negacionismo, o migrante, o comunista, o vírus chinês e alguns outros devaneios. Essa obsessão pelo inimigo leva a absurdidades do ponto de vista racional; por exemplo, o Papa Francisco passa a ser denunciado como comunista. Mas sabe-se que o delírio tem a sua lógica específica: se o Papa diz o contrário do que meu grupo diz, inclusive quando se trata de religião, ele é um inimigo, portanto é um comunista, já que este é o nome do inimigo. É assim que, no discurso negacionista, o golpe militar de 1964 protegeu o Brasil contra o inimigo, portanto contra os comunistas e, portanto, o golpe militar preservou... a liberdade!

O negacionismo é fundamentalmente antidemocrático. Não é por acaso que se constata, nos USA de Donald Trump, no Brasil de Jair Bolsonaro, mas também na Polônia e na Hungria de hoje, uma aliança entre autoritarismo político, fundamentalismo religioso e negacionismo científico. Com efeito, a democracia exige o debate e o debate supõe o acordo sobre três princípios básicos. Primeiro: existem diferenças de opinião e elas são legítimas; o adversário não é um inimigo. Segundo princípio: apesar das divergências, sempre se pode encontrar um acordo, por negociação. Enfim, há uma área em que todos podem concordar, ela é chamada de área da verdade e remete à coerência da fala e à coerência entre essa fala e o que se pode observar e experimentar juntos, seja qual a sua adesão ideológica. O negacionismo recusa esses três princípios que baseiam a democracia. Uma vez que ele desconfia da possibilidade de um discurso comum e recusa o debate, logicamente ele não aceita forma alguma de democracia na educação, quer seja nas formas ou nos conteúdos, e ele defende a inculcação de uma doutrina religiosa e moral e a imposição da obediência e da hierarquia militares. Quando a própria relação com a verdade está socialmente em crise, grande é a tentação de recorrer à religião e às armas.

O que está em jogo, em primeiro lugar, é a relação com o saber que a escola veicula, transmite e constrói. Obviamente, a questão do ensino da Ciência é importantíssima. Com certeza, deve-se desistir desse ensino bancário já criticado por Paulo Freire (Freire, 2005). Já não se pode confundir ensino da Ciência e acúmulo de palavras técnicas e de fórmulas a serem memorizadas, o que é ainda mais absurdo agora que a Internet e o Google resolvem de forma eficaz a questão do acesso a essas informações. O ensino da Ciência deve ser pensado como construção e desenvolvimento de uma relação científica com o mundo.

Para isso, é preciso recusar dois erros. Um deles é deixar os alunos pensarem que a ciência é uma atividade linear, puramente cognitiva, de "descoberta" do que já está inscrito no mundo. Os alunos têm que entender que a ciência é o resultado de uma atividade humana coletiva, em um contexto social, cultural e histórico. Mas deve-se, também, ter cuidado com o erro reverso do

ceticismo epistemológico radical, que reduz a ciência a um discurso ideológico e a comunidade científica a um grupo ideológico. Claro que não há fato em si, verdade absoluta e comunidade puramente científica: isso, hoje, é uma trivialidade epistemológica. Mas há fatos, sim, e há enunciados com mais ou menos probabilidade de ser verdadeiros. Quando o Presidente Bolsonaro foi acometido pela COVID-19, pegou hidroxiquina e ficou curado, foi um fato, isto é, etimologicamente, uma coisa que foi feita, que aconteceu. Quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou que a hidroxiquina não funciona no tratamento da COVID-19, ela se apoiou em muitas observações e experimentações desenvolvidas em vários países do mundo, com controle metodológico, isto é, em fatos⁴. O papel de um ensino da ciência não é negar, em um discurso epistemológico abstrato e dogmático, que existem fatos e interpretações desses fatos com mais ou menos probabilidade de verdade, é fazer com que o aluno possa entender como são construídos e interpretados esses fatos. O Presidente Bolsonaro considera que a sua própria experiência e a de alguns próximos (que, inevitavelmente, aconteceram, foram "feitas") permite induzir um enunciado generalizado sobre o tratamento da COVID-19. A OMS nega a legitimidade dessa generalização e chega a conclusões opostas a partir de casos múltiplos, controlados, em vários países do mundo. Em quem se pode confiar, com mais probabilidade de acertar? O que importa fundamentalmente no ensino da ciência, na nossa época de crise da relação com a verdade, é o processo para estabelecer, questionar, verificar e interpretar o que vai ser considerado como um fato. Recusando, ao mesmo tempo, a ingenuidade epistemológica da ciência pura e um radicalismo epistemológico que, ao esquecer da especificidade da atividade científica, se torna um primo epistemológico do negacionismo⁵.

O que está em jogo no negacionismo e na crise da relação com a verdade, porém, não é apenas a ciência e seu ensino: é o espírito crítico, a liberdade de pensamento, a convivência democrática, a possibilidade de um mundo comum, compartilhado por pessoas diferentes. O que está em jogo, em todas as disciplinas da escola, e também na educação pelos pais e na forma como a sociedade trata os jovens, é a questão que Charlot levantou no seu livro *Educação ou Barbárie?* (Charlot, 2020). Formas antigas de barbárie estão voltando: nacionalismos agressivos, fundamentalismos religiosos excludentes, celebração das armas, da sobrevivência dos mais fortes e da morte dos mais fracos. Formas novas de barbárie estão invadindo o espaço público: cyberbullying, assédio e ódio nas redes sociais. O negacionismo é a forma epistemológica da barbárie contemporânea.

Referências

Alves, B. A. S., & Bolesina, I. A. (n.d.). Era da pós-verdade: como a informação tem sido relativizada. Passo Fundo: Faculdade Meridional, IMED. <https://soac.imed.edu.br/index.php/mic/xiimic/paper/viewFile/1141/338>.

Bachelard, G. (1996). *A formação do espírito científico*. Contraponto.

Bertheau, S., Ruffier, A., Seon, C., Spor, M. (12 de dez. de 2006). *Peur des vaccins: à qui la faute?* Controverse autour de la méfiance vaccinale en France au XXI^{ème} siècle. Institut d'études politiques de Toulouse. https://www.agrobiosciences.org/IMG/pdf/Peur_des_vaccins_-_Rapport_final.pdf.

Bertho, A. (5 de dez. de 2020). L'État a-t-il le monopole du complotisme légitime? *Blog Mediapart*. <https://blogs.mediapart.fr/alain-bertho/blog/041220/l-etat-t-il-le-monopole-du-complotisme-legitime>.

Carvalho, B. L. P. de. (2020). Para entender o negacionismo do holocausto. *Ciência hoje*, 10/08. *Ciência Hoje* | Para entender o negacionismo do Holocausto (cienciahoje.org.br).

⁴ <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-cloroquina-nao-funciona-contr-a-covid-19-e-pode-causar-efeitos-adversos/>.

⁵ Para deixar bem clara nossa posição, não afirmamos que essa epistemologia seja negacionista, mas sustentamos que, ao recusar qualquer referência a "fatos" e "verdade", de uma forma, às vezes, dogmática, ela alimenta um clima negacionista.

- Cavalcanti, J. D. B. (2015). *A noção de relação ao saber: História e epistemologia, panorama do contexto francófono e mapeamento de sua utilização na literatura científica brasileira*. (Tese de Doutorado em Ensino das Ciências, Universidade Federal Rural de Pernambuco). <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/7458>
- Char, R. (1983). *Feuillets d'Hypnos*. In *Oeuvres complètes*, col. La Pléiade. Gallimard.
- Charlot, B. (1987). *L'École en mutation*. Payot.
- Charlot, B. (1997). *Du Rapport au Savoir*. Éléments pour une théorie. Anthropos.
- Charlot, B. (2000). *Da relação com o saber*. Elementos para uma teoria. ARTMED.
- Charlot, B. (2020). *Educação ou Barbárie?* Uma escolha para a sociedade contemporânea. Cortez.
- Charlot, B. (2021). Os Fundamentos Antropológicos de uma Teoria da Relação com o Saber. *Revista Internacional Educon*, vol. 2, n. 1, 1-18. <https://doi.org/10.47764/e21021001>.
- Dunker, C. (2017). Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: Dunker, C., Tezza, C., Fuks, J., Tiburi, M., & Safatle, V. *Ética e pós-verdade*. Dublinense.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Gabriel, M. (2016). *Por que O mundo não existe*. Vozes.
- Gari, R. (2021). Face à des pouvoirs qui vident le peuple de sa dimension politique, il faut la rétablir. *Respublica*, n. 964. <http://www.gaucherepublicaine.org/respublica-societe/respublica-crise-sanitaire/face-a-des-pouvoirs-qui-vident-le-peuple-de-sa-dimension-politique-il-faut-la-retablir/7421681>.
- Hegel, G. W.H. (1992). *Fenomenologia do Espírito*. Vozes.
- Keyes, R. (2004). *The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life*. St. Martin Press.
- Kofman, A. (25 de out. de 2018). Bruno Latour, The Post-Truth Philosopher, Mounts a Defense of Science. *The New York Times Magazine*. <https://www.nytimes.com/2018/10/25/magazine/bruno-latour-post-truth-philosopher-science.html>.
- Kreitner, R. (30 de nov. de 2016). Post-Truth and Its Consequences: What a 25-Year-Old Essay Tells Us About the Current Moment. *The Nation*. <https://www.thenation.com/article/archive/post-truth-and-its-consequences-what-a-25-year-old-essay-tells-us-about-the-current-moment/>.
- Kuhn, T. S. (2000). *A estrutura das revoluções científicas*. Perspectiva.
- Latour, B. (2000). *Ciência em ação*. Editora UNESP.
- Latour, B. (1993). *The Pasteurization of France*. Harvard University Press.
- Latour, B., & Woolgar, S. (1997). *A Vida de Laboratório: A produção dos fatos científicos*. Relume Dumará.
- Lima, J. F. de. (31 de março de 2021). Sobre negação e negacionismo. Associação Sergipana de Ciência, *Jornal do dia*. <http://asci.org.br/blog/sobre-a-negacao-e-o-negacionismo/>.
- Martins, J. T., & Oliveira, E. A. G. (2019). Natureza da Ciência e o ensino de Ciências. *Revista EDUCAmazônia*, Ano 12, Vol XXIII, Número 2, 70-81.
- Melo, R. de J. S. (2021). Um olhar para a epistemologia de Bachelard, Kuhn e Fourez e uma possível articulação com o ensino de ciências. *Cadernos da Pedagogia*, v. 15, n. 32, 83-101.
- Moraes, L. E. de S. (2011). O Negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o Passado. ANPUH, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312810501_ARQUIVO_ANPUH-2011-ARTIGO-Luis_Edmundo-Moraes.pdf.

Moura, B. A. (2014). O que é natureza da ciência e qual sua relação com a História e Filosofia da Ciência? *Revista Brasileira de Historia da Ciência*, v. 7, n. 1, 32-46.

Noli, A. C. (2017). *A guerra e a paz em Latour: uma compreensão do bélico e do pacífico em The Pasteurization of France e War of the Worlds*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás). <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9223>.

Oxford Languages (2016). *Word of the Year 2016*. <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>.

Popper, K. R. (1994). *Conjecturas e refutações* (O progresso do conhecimento científico). Editora da UNB.

Revault d'Allones, M. (2018). *La faiblesse du vrai*. Ce que la post-vérité fait à notre monde commun. Seuil.

Rouso, H. (1987). *Le Syndrome de Vichy de 1944 a nos jours*. Seuil.


Seixas, R. (2019). A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. *EIDEA – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, n. 18, 122-138. <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2197/1747>.

The Economist (10 de set. de 2016). Art of the lie. Politicians have always lied. Does it matter if they leave the truth behind entirely? <https://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie>.

Trevisan, A. L. (2020). Moralidade, biopolítica e Educação em tempos de pós-verdade. *Conjectura: Filosofia e Educação*, v. 25. <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/7382>

Sobre os Autores


BERNARD CHARLOT

 <https://orcid.org/0000-0001-8725-4238>

Professor Emérito de Ciências da Educação da Universidade de Paris 8. Professor na Universidade Federal de Sergipe.

bernard.charlot@terra.com.br

VELEIDA ANAHI CAPUA DA SILVA CHARLOT

 <https://orcid.org/0000-0002-0920-5884>

Professora Titular da Universidade Federal de Sergipe.

veleida@academico.ufs.br